

TESES PARA O III CONGRESSO DO PRC - APRESENTAÇÃO

Uma tese para um congresso comunista não é nem uma tese acadêmica nem uma proposta de resolução.

O academicismo considera a paixão um elemento perturbador que deve ser expurgado. E que, para o acadêmico, trata-se tão somente de conhecer o mundo. Para o comunista, ao contrário, trata-se de transformá-lo, e transformá-lo num sentido determinado. E não se assume tarefa de tal monta sem paixão.

O acadêmico teme que a paixão o induza a ver distorcida a realidade. Longe disto, o comunista, exatamente por conhecer sua paixão, não somente tem confiança em sua capacidade de não deixá-la fazer ver as coisas melhores ou piores do que são, como também sabe que a paixão é fundamental para poder separar o essencial do contingente, o fundamental do secundário. Porque o essencial e o fundamental não são absolutos, mas dependem do objetivo e do ponto de vista. E, no comunista, seu objetivo e seu ponto de vista são inseparáveis de sua paixão.

O academicismo separa a teoria da prática. O comunista, ao contrário, integra-as profundamente. Não há grande realização humana que se concretize sem paixão. Por isto, o comunista coloca sua paixão tanto no conhecimento como na transformação da realidade.

Também a tese não é uma proposta de resolução.

Uma tese para um congresso comunista é um ponto de partida para o debate partidário. A resolução é seu coroamento. Assim, enquanto a resolução deve orientar a prática partidária, a tese deve orientar o debate. Deve levantar as grandes questões e apontar-lhes soluções iniciais que deverão ser discutidas e rejeitadas ou aprofundadas em todo o processo de Congresso. Assim se construirão e fundamentarão as posições e orientações da resolução.

O objetivo da resolução é sua afirmação na práxis do Partido. O da tese é sua negação, sua superação nos debates do congresso.

Foi com esta concepção que os camaradas Antonio, Pedro José e Marta estudaram, trabalharam e elaboraram estas teses. Será a concretização ou não desta concepção a medida de avaliação do resultado do seu trabalho e das próprias teses.

REVOLUCIONAR A VIDA
VIVER A REVOLUÇÃO
REVOLUCIONAR A REVOLUÇÃO

"De Hobbes a Rousseau, o passado da Humanidade transforma-se - num plano superior - em História. Depois da Revolução Francesa, o próprio presente - em figuras tão importantes como Hegel e Balzac - se transforma também em História. Finalmente, com Marx e a negação da sociedade burguesa, é o próprio futuro que surge como História." (Agnes Heller, "O Homem do Renascimento", Introdução)

E TEMPO DE TRANSFORMAR

A que ponto chegamos...

Socialismo ou barbãrie! Nunca como hoje este dilema foi tão presente e tão candente.

O espectro da destruição ronda a Humanidade. As condições naturais que são a base da vida, ar, água, fontes de energia, vegetais, animais, estão sendo destruídas a cada dia. A cada dia são produzidas mais e mais destruidoras armas, a cada dia mais aniquilante se torna a ameaça de guerra nuclear e a cada dia mais seres humanos são destruídos por guerras convencionais disseminadas por todo o mundo. Os seres humanos são desumanizados, transformados em robôs da produção, da guerra ou da violência, transformados em anti-homens que para sobreviverem têm que violentar seus semelhantes, transformados em revoltados que vivem de sua própria destruição.

As notícias de atentados contra o meio ambiente se sucedem com alarmante frequência. Graves "acidentes", como os nucleares de Three Miles Island e Tchernobyl, como os despejos tóxicos no Rio Reno e muitos outros rios e mares, como a explosão do depósito da Union Carbide na Índia, são presença constante nos noticiários. Disputam espaço com as "descobertas" de destruição de florestas pelo regular e rápido desmatamento predatório, de acúmulo de gases tóxicos na atmosfera, de destruição da camada de ozônio que protege a Terra dos raios ultra-violetas do Sol. Disputam espaço com as constantes denúncias de contaminação de alimentos com agrotóxicos, conservantes, aromatizantes, disputam espaço com as constantes denúncias de remédios falsificados ou que provocam doenças mais graves que aquelas que se propõem a combater.

A corrida armamentista prossegue, sempre com maior ferocidade. E com cada vez maior número de competidores. Só o arsenal de bombas nucleares nas mãos das duas superpotências já dá para aniquilar várias vezes com toda a vida na Terra. E todo dia novas armas são acrescentadas aos arsenais. Armas "antigas" e armas novas, com acrescido poder de destruição. Como a bomba de neutrons, que aniquila com a vida mas deixa intactas as coisas. Ou as bombas de fragmentação, que se dividem

em milhares de pequenas bombinhas para matar melhor. Ou o projeto americano "Guerra nas Estrelas", que abre novas e "fascinantes" fronteiras para a imaginação dos senhores da guerra. Ou, ou, ou... a lista é praticamente inesgotável.

Guerras e mais guerras, esta é também a realidade de hoje. Intervenções diretas das superpotências, como Afeganistão e Nicarágua. Guerras entre nações, como os conflitos do Oriente Médio, inclusive a guerra Iran e Iraque, as guerras na Indochina e na África. Guerras civis, como El Salvador, Peru, África do Sul, Oriente Médio. Conflitos como os das Filipinas, Índia, Polônia. Também uma lista praticamente inesgotável, sempre renovada.

Miséria, fome. Outro flagelo que devasta a Humanidade. Casos como o da Etiópia não são mais do que a ponta de um monstruoso iceberg. Diariamente, 50 mil pessoas morrem de fome. Um quarto da população mundial sofre de fome crônica.

Violência, criminalidade, tóxicos, medo. Fenômenos bem conhecidos e que hoje, de alguma forma, fazem parte do cotidiano de todos os seres humanos.

Embrutecimento do Homem. O indivíduo é impotente perante uma realidade construída pelos homens. O capital, trabalho petrificado, submete os Homens, seus criadores. A iniciativa do indivíduo é condicionada pelo interesse do Capital. Todo o poder do gênio humano, toda a criatividade dos homens são colocados a serviço do Capital e se tornam fatores de impotência dos Homens. Fragmentado, impedido de participar do conjunto do qual ele faz parte, e até mesmo de enxergá-lo todo, o indivíduo se torna uma mera peça de uma imensa máquina que o esmaga. O conformismo, antes característica apenas dos fracos e medrosos, torna-se ideologia conscientemente difundida que aumenta a impotência e transforma os Homens em robôs que apenas cumprem ordens e seguem programas impessoais e que lhes são absolutamente alheios. A barbárie é transformada num mito, são endeusados os heróis bárbaros e seus "poderes mágicos", as credências irracionais são difundidas como nunca o foram nos tempos modernos. Numerosos como nunca são os que, revoltados e impotentes, caem no escapismo e na auto-destruição dos tóxicos, da violência gratuita, da loucura pura e simples.

Luta-se contra isto tudo. A luta em defesa do meio ambiente, a luta contra o armamentismo, a luta pelos direitos humanos, as campanhas de solidariedade, as lutas dos trabalhadores por melhores salários e condições de trabalho. Estas lutas são importantes, são fundamentais, mas não conseguirão ter um sucesso duradouro se não forem à raiz de tudo, o capitalismo.

O capitalismo é incapaz de melhorar esta situação

A finalidade da produção capitalista não é satisfazer as necessidades humanas. Seu fim é a apropriação da mais-valia. O atendimento das necessidades humanas não é mais que um meio para atingir aquele fim. No capitalismo, as necessidades humanas só são consideradas na medida em que o capital delas se vale para extrair a mais-valia e o lucro do capitalista, para se reproduzir e crescer, e tão somente nesta medida.

Mais do que isto. Vivemos na etapa superior do capitalismo, na sua etapa imperialista, em que toda a produção é dominada pelo capital monopolista. E o fim deste capital monopolista não é apenas a extração da mais-valia, mas ainda a do sobrelucro de monopólio.

A produção, no capitalismo, é governada pela necessidade da sobrevivência dos capitais individuais, isto é, da sua reprodução e

ampliação, e pela concorrência entre eles. O imperialismo não suprime a concorrência. Pelo contrário, aguça-a desmesuradamente. Os contendores não são mais pequenos capitalistas, mas imensos monopólios detentores de incalculável poder. Incomparáveis são os interesses em jogo. E, para defender interesses de tal monta, todos os meios são válidos. Novas armas são incorporadas aos arsenais da concorrência. As leis e o crime, a política interna e a política externa, a corrupção e o sexo, a conspiração e as guerras, tudo é instrumento de defesa dos interesses dos monopólios.

O imperialismo na sua maturidade

O fim da Segunda Guerra Mundial marcou o ingresso do imperialismo na sua maturidade. Todas as suas principais características passaram a apresentar-se plenamente desenvolvidas. Não somente o imperialismo aparece consolidado em todo o mundo mas, graças à intensa exportação de capitais, interiorizado na maioria dos países. Industrializando os países dependentes, passa a ter como forma principal de dominação a apropriação direta da mais valia produzida pela classe operária nativa. Em consequência, o proletariado aparece disseminado, em grande escala, por todo o mundo e, em inúmeros lugares, concentrado em grandes unidades produtivas e áreas industriais.

O comércio mundial aparece desobstruído das antigas peias coloniais. Nova divisão internacional do trabalho se desenvolve, com os países imperialistas centrais reservando para si a produção de bens da chamada tecnologia "de ponta" e delegando para os países periféricos a produção que exige tecnologia média ou já banalizada ou que, mesmo sendo de alta tecnologia, não supõe seu controle ou transferência ao país produtor. A maior taxa de mais-valia vigorante nos países periféricos torna vantajoso para os monopólios transferir-lhes a produção que utiliza mais intensamente a mão-de-obra.

A aristocracia fundiária aparece agora não mais como classe autônoma, mas tão somente como uma fração da burguesia. Por outro lado, assim como a monopolização, longe de se apoderar de toda a produção, supõe a existência e reprodução constante de um setor não monopolista, também o capital monopolista necessita e multiplica camadas intermediárias entre a burguesia e o proletariado. Camadas que prestam serviços cuja necessidade é criada ou intensificada pelo grau de concentração de capital característico do imperialismo e pelo tipo de concorrência que se desenvolve entre os monopólios. Camadas que, longe de tenderem a desaparecer e a serem esmagadas entre a burguesia e o proletariado, têm crescido de importância. Mas que tendem, pela própria mecânica do desenvolvimento do capitalismo, a identificar seus interesses com o de uma das classes fundamentais. Assim, enquanto uma parte destas camadas têm seu destino estreitamente ligado aos do capital, outra parte vê suas condições de vida cada vez mais próximas das do proletariado e tendem a se unir a ele.

Aparece o Estado profundamente integrado ao capital monopolista. Passa a intervir diretamente na economia, não somente como planejador e grande consumidor, mas também atuando na própria produção. Torna-se assim uma fração da burguesia, ao mesmo tempo que assume mais claramente o papel de gerente geral dos interesses burgueses-monopolistas. Sem deixar de ser nacional, torna-se cosmopolita. Na arena do mercado mundial, assume abertamente os interesses da "sua" burguesia e torna-se seu "negociador". Mas a burguesia cujos interesses defende não é nacional, é internacional. Por trás do Estado nacional erige-se não somente a burguesia do país, mas toda a burguesia mundial.

Aparece, finalmente, o mundo dividido em dois grandes campos rivais, um hegemônico pela superpotência norte-americana, outro pela superpotência soviética.

A longa prosperidade do imperialismo maduro

Tendo atingido a maturidade, o imperialismo desfrutou de um longo período de expansão, o mais longo da História do capitalismo. Período no qual, se houve pequenos períodos de descenso, não chegavam propriamente a configurar crises, não passavam de incidentes menores num trajeto de vigoroso crescimento.

O superlativo grau de monopolização, a integração do Estado com o capital monopolista e o desenvolvimento da ciência econômica burguesa proporcionaram ao imperialismo instrumentos de controle da economia e de intervenção sobre ela.

A concentração da produção nas mãos de grandes monopólios e cartéis e o desenvolvimento dos métodos e instrumentos de avaliação do potencial de consumo do mercado permitiu um certo nível de planejamento da produção que, aliado ao poder de controle de preços que têm os monopólios (isto sem falar da própria exportação de capitais) possibilitou suavizar os efeitos da anarquia da produção inerente ao capitalismo. O novo papel assumido pelo Estado proporcionou-lhe enorme poder regulador sobre o mercado, o que, aliado a seu poder regulador sobre a moeda - que passou generalizadamente a ter curso forçado - e sobre o chamado mercado financeiro - através da "dívida pública" - forneceu-lhe instrumentos como a manipulação da inflação e a própria recessão controlada - "aquecimento" ou "esfriamento" da economia - para, em estreita colaboração com os monopólios, manter sob controle as condições de reprodução e acumulação do capital.

A base econômica desta prosperidade foi a destruição das forças produtivas provocada pela guerra, que permitiu um novo ascenso da acumulação baseado na política de reconstrução, no desenvolvimento de novos ramos industriais (destacadamente os ligados à eletrônica) bem como no afloramento de uma forte demanda, reprimida durante a guerra, por bens de consumo. Por outro lado, a reconstrução foi possível graças ao capital dinheiro acumulado em função do esforço de guerra, à preservação do parque industrial americano e à transferência de capitais dos Estados Unidos para a Europa e Japão.

Mas a base econômica só não era suficiente. Era necessário infligir ao proletariado uma profunda derrota. Com a Europa e Japão arrasados materialmente, a burguesia imperialista via-se diante de um proletariado armado ainda da luta contra o fascismo. A crise permanecia, e na França e na Itália, mas também na Grécia, Iugoslávia e outros países, o cheiro de pólvora ainda exalava da ponta dos fuzis que o proletariado empunhara na guerra - e ainda empunhava.

A derrota do proletariado se consubstanciou, em primeiro lugar, ao aceitar depor as armas e cessar a luta, ao invés de fazer suceder à luta anti-fascista a luta contra o capitalismo. Em segundo lugar, ao aceitar a super-exploração que lhe impunha a burguesia com a "política de reconstrução". Em terceiro lugar, ao concordar em apoiar os governos de coalizão instalados nos países imperialistas após a guerra. Esta derrota será analisada mais de perto adiante.

Vitória completa! Prosperidade econômica e classe operária "pacificada"! A burguesia e os apologistas do capitalismo exultavam. Parecia concretizado o sonho de um capitalismo perene e sem crises.

Tempos de crise

Veio a crise, porém. O sonho acabou. Após enfrentar uma intensa desaceleração no ritmo de crescimento, em 74-75 caíram seriamente os níveis de produção nos principais países capitalistas do "ocidente". O

sistema financeiro mundial entrou em crise, com a falência do sistema monetário internacional de Bretton Woods e no aguçamento da questão da dívida externa dos países periféricos.

A dependência do petróleo, não somente a principal fonte de energia atual, mas também a base sobre a qual se assenta quase toda a indústria química moderna, revelou-se insustentável. As tentativas de criar alternativas para resolver o problema energético não conseguiram chegar a resultados significativos, e o que parecia a mais promissora alternativa, a fissão nuclear, faliu lamentavelmente.

Esgotaram-se os instrumentos de regulação da economia capitalista. E os diversos Estados monopolistas não têm conseguido encontrar novos instrumentos, "ortodoxos" ou "heterodoxos", que "funcionem". Tem-se debatido sem sucesso na busca de soluções, oscilando na aplicação de medidas contraditórias que nada têm resultado a não ser recuperações efêmeras e no agravamento da situação.

Acirraram-se as contradições inter-imperialistas. A inquestionada hegemonia americana no "mundo ocidental" foi colocada em jogo. Se os Estados Unidos detinham cerca de 60% da produção industrial "ocidental", esta fatia reduziu-se, em 75, para 39,4%. O déficit comercial americano bateu todos os records em 86, atingindo a astronômica cifra de 170 milhões de dólares! E as previsões para os próximos anos não são nada melhores... Até mesmo no campo da alta tecnologia os americanos enfrentam problemas: nos últimos 4 anos, sua participação na fabricação de computadores caiu de 45 para 35%. Nem o território ianque é respeitado: os investimentos estrangeiros, notadamente japoneses, atingem perto de 30 milhões de dólares anuais. Novas barreiras comerciais passaram a ser levantadas por todo o mundo - e as já existentes, reforçadas. Os acordos comerciais inter-imperialistas que visavam regular a situação revelaram-se ineficazes e tiveram vida curta. Procura-se um substituto para o "padrão dólar".

Também a inquestionada hegemonia da União Soviética sobre o "oriente" foi colocada em jogo, embora assumindo formas diferentes e não de maneira tão clara. A obtenção dos dados sobre o comércio entre os países do chamado bloco soviético é mais difícil e a dominação é aí mais férrea. Mas são significativos os movimentos de sentido independente, como da Tchecoslováquia, Polônia e até mesmo Alemanha Oriental, sem dúvida o tecnologicamente mais avançado do bloco, depois da URSS. E significativas são a formação de "joint-ventures" entre capitais "ocidentais" e monopólios estatais "do Leste", cuja vanguarda está com a Polônia, Hungria e Romênia, sem falar da Iugoslávia.

Acirraram-se as contradições de classe. O desemprego cresce regularmente nos países imperialistas. Em 9 países europeus (Irlanda, Itália, Bélgica, Holanda, Grã Bretanha, França, Alemanha Ocidental, Dinamarca e Luxemburgo), a taxa de desemprego média em relação à população economicamente ativa subiu de 10,4% em 83 para 11,2% em 86. Greves, revoltas estudantis como os recentes conflitos em Paris, protestos de camponeses como o bloqueio de estradas, ferrovias e ocupação de aeroportos pelos produtores bretões de porcos, sem falar dos grandes movimentos contra a instalação de bases militares na Europa, dos grandes movimentos contra as usinas nucleares. E sem esquecer do enorme crescimento do fenômeno do terrorismo.

A situação se inverteu. Ao longo período de expansão sucedeu-se uma estagnação que perdura até hoje. Agora são os pequenos períodos de ascenso que aparecem como incidentes numa trajetória declinante. Trajetória declinante da qual o capitalismo só deverá sair - se não for liquidado antes - seja com base numa nova revolução tecnológica, seja com base numa destruição em grande escala das forças produtivas, de modo a recriar as condições para a reprodução e acumulação regulares

do capital. E nenhuma destas alternativas é visível hoje no horizonte. Nem mesmo a informática e a robótica - provavelmente a grande esperança da burguesia no sentido de uma nova revolução tecnológica - provocaram o impacto esperado nas condições da produção. E os próprios instrumentos de controle da crise desenvolvidos pela burguesia obstaculizam a emergência de um processo "pacífico" de destruição em grande escala das forças produtivas o qual, além do mais, acirraria de tal forma as contradições do imperialismo que colocaria em risco a própria sobrevivência do capitalismo.

No Brasil, também tempos de crise

O Brasil, país que, na fase madura do imperialismo, se integrou estreitamente à economia internacional, principalmente no campo "ocidental", não poderia escapar às repercussões da crise.

Junto com a imperialista, caiu na estagnação a economia brasileira. Mas esta não tem a solidez das economias dos países imperialistas centrais. Os descensos foram, assim, mais profundos - assumindo feições de crise. As "recuperações", mais efêmeras, suas consequências, mais sérias.

Logo de início, a taxa de crescimento do PIB caiu, dos precedentes 11 - 12%, para números em torno de 6% ao ano. A inflação iniciou forte curva ascendente. O déficit da balança comercial cresceu verticalmente (quase octuplicou de 73 para 74). Aumentou perigosamente o desemprego. Os movimentos de massa começaram a dar sinais de reanimação. Cresceu a oposição, levando a ditadura a uma fragorosa derrota eleitoral em 74.

O II PND, se conseguiu conter a desaceleração do crescimento, desembocou na crise que se tornou patente em 79. Crise agravada pela aceleração vertical da inflação e pelo crescimento desmesurado da dívida externa, provocada por aquele Plano. A "distensão lenta, gradual e segura" de Geisel sucedeu a "abertura" de Figueiredo, sem conseguir conter a desagregação das bases de sustentação política do regime.

O movimento de massas teve um vigoroso crescimento, do qual os movimentos grevistas do ABC em 78-79 foram o expoente, marcando a passagem do proletariado das grandes indústrias à vanguarda da luta. A oposição à ditadura passou a crescer rapidamente nas massas populares.

Frente a uma relativa ofensiva da oposição popular, no quadro de um recuo estratégico representado pela necessidade de mudança na forma de sua dominação política, a burguesia monopolista preparou sua contra-ofensiva. Preparação que envolvia, ao mesmo tempo, a tomada da bandeira das "eleições diretas já" das mãos da oposição popular e a articulação de sua rejeição pelo Congresso.

A derrota da emenda Dante de Oliveira foi vitória da "Conciliação" no movimento das "Diretas" e o fim deste. Concomitantemente, a conquista da hegemonia sobre o conjunto da oposição à ditadura e o início da vigorosa ofensiva da burguesia monopolista contra a oposição popular. Ofensiva cujo objetivo era o esmagamento da oposição popular e a submissão total das massas no campo político.

A eleição de Tancredo Neves no colégio eleitoral, a doença e morte do Presidente eleito, a posse de Sarney representaram a conquista do tão almejado "consenso nacional".

Mas nada de solução para a crise econômica... Inflação, arrocho, greves. Derrota da A.D. nas eleições municipais de 85. Mais inflação. Início de desagregação da Aliança Democrática, risco de uma derrota

nas eleições para a Constituinte.

Era preciso jogar uma grande cartada para reconquistar o "consenso nacional", voltar a isolar a oposição operária e popular que novamente crescia e recompor as bases políticas do governo Sarney. O Plano Cruzado! Inflação zero, fiscais do Sarney, perspectiva de uma nova realidade, das reais mudanças tão esperadas! A popularidade de Sarney subiu às nuvens. As vendas voltaram a crescer aceleradamente.

Mesmo o congelamento dos salários pela média dos últimos seis meses representando seu rebaixamento real, isto era compensado pela cessação das perdas mensais causadas pela inflação. Mesmo que as mercadorias sumissem, isto podia ser creditado à ganância dos "sonegadores". Nem mesmo a decretação de aumentos nos combustíveis e serviços públicos abalou a confiança popular. Nada parecia poder retirar o apoio popular ao Plano Cruzado e ao governo Sarney. A Aliança Democrática conquistou inédita vitória nas eleições. Todos os governos Estaduais, maioria esmagadora no Parlamento Constituinte.

Mas o Plano Cruzado, se conseguiu trazer de volta o tão almejado crescimento da economia, não durou muito. Passadas as eleições, teve sua falência decretada pelo próprio governo. Resultou na completa desorganização da produção, do comércio e das finanças. As taxas de juros, bem como a inflação, deram um vertiginoso salto para cima. Começaram a cair os investimentos na produção. Cresceram as importações, caíram as exportações, reduziu-se o superávit comercial. O déficit da balança de pagamentos tornou-se alarmante e as reservas caíram a níveis insuportáveis. O governo foi obrigado a decretar a chamada "moratória técnica". A cada nova medida governamental desenhasse com mais nitidez o fantasma da recessão.

Esgotou-se a ofensiva da burguesia monopolista sem que tivesse conquistado seus objetivos. Não conseguiu liquidar com a oposição operária e popular. Apesar desta ter sofrido sérios reveses, conseguiu se manter e até mesmo crescer, embora muito pouco. Nas condições de cerco em que se deu a disputa eleitoral, foi significativo que o PT conseguisse triplicar sua bancada federal. Apesar das dificuldades, o movimento sindical se manteve ativo e, principalmente, cresceu o prestígio da CUT. A CGT ficou a reboque desta e a USI permaneceu inexpressiva.

O governo, perplexo, caiu na passividade. Perdida a bandeira do Plano Cruzado, nada conseguiu apresentar. A proposta de "entendimento", ao contrário da proposta de Pacto Social do início do governo, era um pedido de trêgua de um adversário em dificuldades que tentava se recompor. E a trêgua foi negada...

Sem propostas, sem política, sem apoio popular, só restou ao governo a força bruta. Recrudescceu a escalada da repressão. Ocupação da Central do Brasil pelo exército na greve dos Ferroviários. Intervenção da Marinha de Guerra na greve dos marítimos e ocupação das refinarias pelos tanques do exército. Ataque a tiros da Guarda Municipal de São Paulo para desalojar posseiros, que resultou na morte de um popular. Conflito entre a polícia e populares na greve dos ferroviários no Rio de Janeiro, que também resultou em um morto. Isto para lembrar só os fatos mais recentes e de maior repercussão.

As chamadas "lideranças empresariais" começaram a expressar seu descontentamento. O apoio ao governo Sarney, antes disputado pelos políticos em campanha eleitoral, passou a ser um fardo pesado. E tanto o PMDB como o PFL passaram a colocar senões e exigências para este apoio.

A antes sólida Aliança Democrática começou a apresentar grossas

rachaduras. Não somente entre o PMDB e o PFL, que passaram a travar entre si uma renhida luta pelo controle da influência e de posições no governo. Mas também dentro destes próprios partidos acirraram-se as lutas de grupos. Tudo isto ainda mais complicado pela necessidade de elaborar a nova Constituição, para a qual o governo não conseguiu elaborar nenhuma proposta, já que a da "Comissão dos Notáveis" fôra descartada.

E tempo de mudar!

Vivemos num tempo de transformações. No Brasil e no mundo. Como estão, as coisas não podem continuar por muito mais tempo. O que está em jogo não é se vão ou não haver transformações. É o sentido destas transformações. Elas são imperiosas. Sob pena da destruição rápida das condições de vida da Humanidade. Sob pena do retorno à barbãrie. Ou do holocausto nuclear.

O capitalismo pode se recuperar. Dar início a um novo e prolongado período de prosperidade. O capitalismo pode mudar as condições de sua dominação sem acabar com a própria dominação. Sem acabar com a exploração do Homem pelo Homem. Sem resolver as contradições que lhe são inerentes. Mas isto só iria prolongar o sofrimento de milhões e milhões de seres humanos. E, certamente, mais cedo ou mais tarde as contradições do capitalismo irão provocar novas crises, provavelmente muito mais sérias.

Nossa proposta: o Socialismo

Nossa proposta é o socialismo. Uma sociedade cujo fim é o próprio Homem. Na qual a produção visará atender as necessidades humanas, e não extrair a mais-valia, não proporcionar lucro a alguns poucos burgueses. Uma sociedade em que os homens, verdadeiramente livres, submetam a natureza e os produtos de seu trabalho e não sejam submetidos a eles.

É um sonho? É! Como primeiramente foram um sonho todas as grandes realizações do gênio humano. É uma utopia? Não! Porque as condições materiais para sua realização já existem. Basta canalizar para a satisfação das necessidades humanas os recursos que são desperdiçados inutilmente, necessidades improdutivas que só existem em função do capitalismo. Os gastos militares, cuja necessidade decorre do antagonismo entre países que a concorrência capitalista engendra. Os gastos policiais, que decorrem em sua quase totalidade seja da penúria em que é mantida grande parte da população, seja do anseio pelo enriquecimento a qualquer custo que o capitalismo inculca, seja da necessidade de obrigar os explorados a aceitarem a exploração. Os gastos burocráticos, multiplicados necessidade de manter sob controle as tendências destrutivas do capitalismo e para proteger o patrimônio dos capitalistas. Os gastos comerciais, que decorrem exclusivamente da concorrência capitalista. Todo o dispendioso sistema financeiro, que só é necessário porque o capitalismo precisa de condutos específicos para que o dinheiro se transforme em capital e para que o capital-dinheiro circule com facilidade entre os capitalistas. Isto para ficar só no mais evidente e no mais aparente.

Não é uma utopia porque sabe que não basta convencer as pessoas que este sonho é melhor do que a sociedade atual. Conhece as condições de sua realização. Sabe que a burguesia, beneficiãria do capitalismo, não vai renunciar a seus privilégios pacificamente. Conhece a força do poder burguês, seu poder de reprimir, seu poder de influenciar os corações e as mentes mesmo dos explorados, sua capacidade de se recuperar das crises e encontrar saídas para se perpetuar. Mas vê que há uma classe, a classe operãria, para a qual a única esperança de seus membros se tornarem realmente homens livres, e não meros servos do

capital, está na realização deste sonho. Uma classe cujas condições de vida a colocam constantemente em antagonismo com o capital. Uma classe que o capital é obrigado a multiplicar, concentrar em grandes unidades produtivas e espalhar por todo o mundo. E vê que o poder burguês é periodicamente enfraquecido por crises que as próprias contradições do capitalismo engenderam e pela concorrência que opõe os capitalistas uns aos outros.

Principalmente: sabe que o que decidirá qual a saída que vai prevalecer é a luta de classes. Uma luta que não opõe forças naturais, mas seres humanos, na qual a vontade das classes desempenha um papel fundamental e, à medida em que a humanidade progride, cada vez mais importante. Portanto, a concretização do sonho, a vitória do socialismo, depende da construção de um movimento pelo socialismo, da conquista das massas populares, e principalmente da classe operária, para este objetivo.

O MOVIMENTO COMUNISTA E A LUTA PELO SOCIALISMO

O imperialismo consegue derrotar o proletariado

A maturidade do imperialismo exigiu uma derrota de grandes proporções da classe operária. O movimento comunista não pode ser isentado desta derrota.

Já durante a Guerra, revelavam-se fatores importantes para a derrota do proletariado frente à burguesia no pós-guerra. O principal deles foi sua participação indemarcada no conflito, em estreita união com o imperialismo e as burguesias nacionais, abdicando de uma política própria perante a guerra. Uma diferença marcante com relação à participação do proletariado na Guerra de 14-18, quando, apesar da traição dos principais partidos da II Internacional, o proletariado, em especial o russo, conseguiu construir uma política de desdobramento da guerra de rapina do imperialismo em guerra revolucionária contra a burguesia em cada país, o que resultou na vitória da revolução de outubro de 1917 na Rússia.

A aparência de guerra de libertação nacional e de luta antifascista, muito ajudada pela forma como a União Soviética participou do conflito, mascarou seu caráter imperialista. Ideologicamente, a aliança da União Soviética com os países imperialistas "aliados" serviu para desenvolver a ilusão na mudança de caráter do imperialismo e na possibilidade de um desenvolvimento pacífico da Humanidade sobre a base da "Democracia". Base ideológica para que o proletariado se engajasse sem resistência na reconstrução do capitalismo: a política "comunista" do "apertar o cinto e promover a produção".

Imbuídos da submissão à política imperialista da União Soviética, a qual implicava na aceitação da divisão do mundo em áreas de influência, conforme os acordos de Ialta, os partidos comunistas se engajaram prazerosamente nesta política (com algumas honrosas exceções, como os Partidos da China, Iugoslávia e Grécia). A classe operária em todo o mundo viu-se, assim, sem alternativa, engaiada na reconstrução do capitalismo e do Estado burguês.

A falsa vitória do socialismo

Não obstante, parecia que o socialismo e a classe operária tinham obtido uma grande vitória durante a guerra. Que tinham até mesmo sido seus grandes vitoriosos. O "campo socialista" tinha crescido enormemente. Se antes da guerra contava com um só país, a União Soviética, agora dele faziam parte toda a Europa oriental e a China. "Mais da

metade da população mundial vive sob o socialismo", dizia-se.

Um exame por pouco que seja mais atento deste quadro aparente faz saltar aos olhos sua incoerência. Como explicar a vitalidade de um capitalismo que perdeu o domínio sobre mais da metade da população da Terra, como explicar a vitalidade de um capitalismo que tivesse sofrido derrota de tal monta? Como por outro lado explicar tão fácil submissão, mesmo em outra parte do mundo, de uma classe que vinha de conquistar vitória de tão grande expressão? Tal explicação seria viável na era histórica do feudalismo, com suas unidades políticas e econômicas isoladas e autônomas, mas não na época do capitalismo, e muito menos na sua fase imperialista.

Muito estranho! Ainda mais quando se considera que boa parte desta vitória deve ser creditada, não ao avanço revolucionário da classe operária, mas à repartição das áreas de influência entre as grandes potências vitoriosas. É que a revolução tenha sido derrotada em países como a França e a Itália, onde se deu um grande ascenso da ação revolucionária de massas e, o que é mais, sob a direção do Partido Comunista.

O que aparentava uma grande vitória do socialismo foi na verdade uma vitória de uma nova forma de capitalismo. Portanto derrota do socialismo e, por conseguinte, da classe operária. Derrota que não podia ser identificada imediatamente, sem uma análise, e que por isto mesmo viria a ter consequências ainda mais danosas.

A derrota do Socialismo na União Soviética

Como é sabido, a NEP, para fazer frente às difíceis condições em que se encontrava a economia soviética, não somente reabriu um certo espaço para a existência da propriedade privada, como também instituiu a direção centralizada e hierarquizada ao nível das próprias empresas do setor estatizado e excluiu os operários e os sindicatos de sua gestão. Assim, ao lado de uma pequena e média burguesia "tradicional", situadas no setor privado da economia, começou a se formar uma camada de dirigentes de empresas, no próprio setor estatal. Camadas formadas por especialistas e engenheiros tanto de origem burguesa como de origem operária, assim como pelos próprios quadros do partido.

Nas palavras de Lênin, "Todo o problema - tanto na teoria como na prática - consiste em encontrar os métodos acertados de como se deve levar precisamente o inevitável (até certo grau e por um prazo determinado) desenvolvimento do capitalismo à via do capitalismo de Estado, em que condições fazê-lo e como assegurar, num futuro próximo, a transformação do capitalismo de Estado em socialismo" (Sobre o Imposto em espécie).

Lênin deixava claro, assim, não somente que as relações dominantes, mesmo no setor estatal, ainda eram capitalistas - capitalismo de Estado -, mas que, ainda, o capitalismo de Estado seria desenvolvido. Num futuro próximo se teria que assegurar sua transformação em socialismo.

Com efeito, quando a situação crítica foi ultrapassada, começou a se travar uma luta que tinha por fim exatamente a transformação das relações de produção e o avanço do papel dos operários na gestão das empresas. Estas transformações encontravam fortes resistências, principalmente da parte dos órgãos econômicos e dos dirigentes das empresas e dos trustes, bem como daqueles que, no Partido Bolchevique, sustentavam seus pontos de vista.

Paralelamente, outra luta ocupava o centro das preocupações do Partido: a questão camponesa e do papel que deveria desempenhar o

campesinato na esforço pelo desenvolvimento da indústria. O que estava em jogo, no fundo, era a manutenção ou não da aliança operário-camponesa, essencial para o futuro da revolução num país ainda preponderantemente agrícola.

Eram tremendamente difíceis as condições em que a classe operária travava esta luta. De um lado, tratava-se de enfrentar a luta pela construção do socialismo num país isolado, cercado por países capitalistas hostis, num quadro de descença da revolução a nível internacional, tendo que recorrer ao mercado mundial, capitalista, o que era ainda agravado pelo fato de tratar-se de um país atrasado, com uma classe operária minoritária e sem quadros capacitados a tomar em mãos a direção da produção. Por outro lado, tendo que enfrentar problemas teóricos e práticos de enorme complexidade sem contar com nenhuma experiência anterior sobre a qual se apoiar.

Não é assim de admirar que a classe operária não conseguisse conquistar a vitória nesta luta. O marco da derrota da classe operária pode ser situado na "Grande Virada" ou "Segunda Revolução" de fins de 1929. O resultado da luta em três grandes questões sintetizam esta derrota.

Em primeiro lugar, a questão das relações entre operários e direção das empresas, particularmente no setor estatal. O afastamento dos operários e dos sindicatos da direção das empresas, inicialmente colocado como medida provisória, foi definitivamente consolidado como princípio permanente. A imposição "de cima" de normas de trabalho aos operários tornou-se inquestionável. E significativo, a respeito, que o setor estatizado passasse a ser chamado de "setor socialista" da economia, eludindo, assim, a necessidade, claramente apontada por Lênin, de transformação do capitalismo de Estado em socialismo.

Em segundo lugar, a coletivização forçada da agricultura. Embora pudesse parecer um progresso em direção ao socialismo, foi uma derrota da classe operária por duas razões principais. De um lado, rompeu com a aliança operário-camponesa, fato por si só da maior gravidade. De outro lado, nos termos em que foi colocada - extrair um "tributo" do campo para acelerar a "industrialização" - objetivamente fortalecia o poder da camada formada pelos órgãos econômicos e os dirigentes de empresas e trustes. Ainda mais que este poder se estendia, agora, também ao grosso da agricultura.

Em terceiro lugar, o golpe de misericórdia no centralismo democrático no interior do Partido Bolchevique e sua substituição por um centralismo burocrático. Desde o X Congresso, o centralismo democrático vinha sofrendo duros golpes no Partido Bolchevique. Particularmente sérios foram esses golpes durante a luta contra o "trotskismo" e, depois, contra o "desvio de direita" de Bukharin. Mas entre abril e dezembro de 1929, numerosas decisões de alcance histórico - já que elas levam ao abandono completo da NEP - são tomadas sem que sejam consultadas as instâncias supremas do Partido, forçadas a tão somente ratificar decisões já em execução e anunciadas publicamente. Todos os que mantêm uma ligação, real ou suposta, com as posições da "direita", são retirados das funções que ocupam. Contrariamente ao que se passou com as oposições anteriores, a "oposição de direita" não é deixada nenhuma possibilidade de responder às acusações que lhes são feitas e, muito menos, de levantar qualquer objeção às decisões tomadas, que violavam as resoluções da XVI Conferência do Partido.

Se a derrota sofrida pela classe operária soviética pode ser explicada, em parte, por insuficiências e erros teóricos e políticos cometidos pelo Partido bolchevique, por outro lado, com a formação de novas concepções e sua incorporação ao pensamento comunista, a teoria e a ideologia do partido sofreram fortes transformações decorrentes

deste processo. Mormente porque, a partir de certo momento, tornou-se praxe a formulação de "teorias" - geralmente apresentadas como já consagradas no marxismo-leninismo, e apoiadas em citações arbitrarias para justificar, imediatamente, cada resolução tomada. O marxismo foi sendo transformado, assim, numa ideologia que correspondia aos interesses da nova camada de dirigentes de empresas. Camada que ia, paulatinamente, se cristalizando como uma nova classe exploradora, como uma nova burguesia estatal.

O significado da derrota da luta pelo socialismo

Tal processo, passando-se no interior mesmo do partido que liderava inquestionadamente todo o movimento comunista mundial, não podia deixar de influir decisivamente sobre os rumos de todo esse movimento, levando-o a cometer sérios erros táticos e estratégicos. Erros cometidos antes da guerra, como a política adotada na Alemanha, que abriu espaço para o ascenso do nazismo. Erros cometidos durante a guerra, com a subordinação da resistência comunista em diversos países aos interesses dos Aliados. Erros cometidos no imediato pós-guerra, com a submissão da política comunista à divisão de áreas de influência entre as potências imperialistas.

Aparece agora, em suas grandes linhas, o quadro completo da derrota sofrida pela classe operária. Derrota que permitiu o ingresso do imperialismo em sua fase madura e em um longo período de expansão. Derrota que aniquilou completamente o movimento comunista mundial. O que sobrou, ressalvadas pouquíssimas exceções, foram partidos caudatários do PCUS, que se chamavam comunistas mas cada vez menos tinham a ver com os interesses revolucionários da classe operária.

Aparece agora o real significado da dissolução da Internacional Comunista, em 10 de junho de 1943, por decisão, não de seu Congresso, mas do Presidium do Comitê Executivo. Não o ingresso numa nova forma de articulação entre os partidos comunistas. Não a consagração da independência dos partidos nacionais, aliás incompatível com o internacionalismo proletário. Não um novo internacionalismo. Mas sim a liquidação real de um real movimento pelo comunismo.

E claro que não acabou a luta de classes. A classe operária, em todo o mundo, continuou a lutar por seus interesses. Só que, desprovida de sua vanguarda comunista, não tinha como travar mais que uma luta de resistência ou de conquista de pequenas vantagens que o ascenso do capitalismo permitia.

Também não acabou completamente a luta pelo socialismo. Em alguns países, destacadamente a China e a Iugoslávia, continuou a ser travada esta luta. Também correntes de pensamento que se separaram do que se poderia chamar de "comunismo oficial" ou "comunismo soviético", como o trotskismo, o maoísmo e um "néo-blankismo", tentaram dar continuidade à luta pelo socialismo. Porém em condições, doravante, qualitativamente diferentes e muito mais difíceis. Isoladas, fora de um movimento internacional pelo socialismo - ao contrário, tendo que enfrentar a oposição ou pressão do que ainda parecia ser este movimento -, no quadro de uma derrota estratégica da classe operária e de prosperidade do capitalismo.

Tanto mais que, em nenhum caso, tomou-se consciência da profundidade da derrota sofrida nem partiu-se da análise crítica global e profunda da prática experimentada. Ao contrário, ficou-se na crítica parcial de determinados aspectos, frequentemente mascarada, inclusive, pelo apelo às particularidades locais.

Os países que realizaram sua revolução e tentaram outros caminhos de construção do socialismo dificilmente teriam, assim, condições de

éxito. Acabaram sendo derrotadas, evoluindo para formas de capitalismo que se aproximavam mais ou menos seja da forma soviética, seja da forma "ocidental".

Das novas correntes revolucionárias, nenhuma conseguiu conquistar amplos setores da classe operária - e nestas condições isto teria sido quase impossível. Todas, em que pese vitórias aqui ou ali, permaneceram como pequenas seitas isoladas das massas e sem grande expressão política. As que não acabaram se extinguindo enfrentam hoje crises mais ou menos profundas, mais ou menos abrangentes.

As novas condições para a luta pelo Socialismo

Mas hoje o capitalismo está em crise. O socialismo que, mesmo como simples aspiração difusa, tinha ficado marginalizado durante o período de prosperidade, volta a atrair crescentes contingentes de massa. Só que o que aparece para as massas como socialismo é uma ou outra forma de socialismo burguês, como a social-democracia ou o "euro-comunismo". E também atraem crescentes contingentes de massa outros tipos de saídas, seja de variadas propostas de reforma do capitalismo ou de "novos socialismos" não-marxistas, seja de versões marcadamente direitistas do conservadorismo burguês-monopolista.

A luta pelo Socialismo no Brasil

No Brasil, apesar de particularidades que terão que ser estudadas aprofundadamente, a evolução da luta pelo socialismo segue, em linhas gerais, o mesmo processo que sofreu mundialmente.

Desde antes da guerra, o proletariado não conseguia afirmar sua independência de classe, não conseguia ter uma política revolucionária própria, mas ficava a reboque da "burguesia nacional", lutando por um desenvolvimento autônomo e concorrencial do capitalismo no Brasil, nos marcos do movimento nacionalista, assim permanecendo até o golpe de 64. O PCB, representante brasileiro do "comunismo oficial", apoiava-se na "teoria" da "etapa anti-imperialista e de libertação nacional da revolução", para relegar a luta pelo socialismo a um futuro indefinido e apontar à classe operária o caminho das reformas e o apoio ao populismo do PTB.

A semelhança do que aconteceu a nível internacional, as diversas correntes revolucionárias que surgiram, na maioria depois do golpe de 64, questionando o reformismo do PCB, não conseguiram atrair amplamente as massas operárias e permaneceram como pequenos grupos sem significativa expressão política.

Sem uma perspectiva socialista para a guiar, a luta de classes do proletariado, durante a ditadura e até hoje, ficou limitada a uma resistência à expropriação exacerbada e de defesa de mínimas condições de sobrevivência e de luta. Politicamente, não conseguiu ultrapassar os marcos da luta contra a ditadura e pela democracia burguesa.

Um novo personagem na luta e as correntes socialistas

Fruto do ascenso do movimento operário de fins da década de 60 e de uma difusa aspiração pela independência política das classes populares, o PT amalgamou desde aspirações por um socialismo "de massas" até algumas formas de reformismo, incluindo a procura por um "novo socialismo" não-marxista. Mas conseguiu se credenciar como representante de setores mais radicalizados da classe operária, da pequena-burguesia e dos trabalhadores do campo e, nesta base, ter alguma expressão política nacional.

A difusa aspiração pelo socialismo, que também cresce hoje no

Brasil, é disputada por várias correntes. A social-democracia populista do PDT de Brizola, os socialismos do PCB e do PC do B, os vários socialismos existentes no PT. Em termos de massas, são um socialismo indefinido do PT e o "socialismo moreno" do PDT os que têm maior expressão, levando o último a vantagem de ter uma política que aparenta ser "mais viável". Não existe uma alternativa socialista de caráter operário que tenha expressão de massas.

Nosso Partido prometeu, mas ainda não cumpriu

Desde as Conferências Nacionais que convocaram o I Congresso, nosso Partido mostrou-se preocupado com o que denominávamos, já então, de crise do marxismo e com a necessidade de recuperar e renovar o pensamento marxista. O programa que deveria começar com o I Congresso prometia uma profunda crítica dos rumos do movimento comunista e um profundo trabalho teórico para superar a crise do marxismo. O primeiro temário proposto para o Congresso foi o que mais claramente expressou esta promessa. Mesmo quando reduzimos nossas pretensões alterando o temário, mantivemos o anterior como um roteiro a ser cumprido pelo Partido.

Não cumprimos a promessa. Apenas realizado o Congresso, esquecemos aquele programa. Até mesmo o compromisso de estudarmos a questão da União Soviética, contido em nosso Programa Máximo, foi abandonado.

Apesar de nossas próprias discussões acerca dos Programas Máximo e Mínimo terem suscitado uma série de questões que ficaram irrespondidas; apesar da discussão sobre concepção de Partido, que sempre nos pareceu central, ter sido limitada a uma adaptação dos Estatutos que herdamos do PC do B; apesar de nossas discussões sobre tática revelarem uma série de problemas não resolvidos, tanto no plano da própria tática como no da estratégia, e até na própria concepção do que fosse estratégia e tática; apesar disto tudo, passamos a agir como se todos os grandes problemas teóricos já estivessem resolvidos.

Embora não o reconhecêssemos explicitamente e até o negássemos, atuávamos como se nós fôssemos "o caminho, a verdade e a vida" e que não se chegaria ao Pai, digo, ao Socialismo senão por nós. De posse da "Verdade", não tínhamos mais do que revelá-la, à espera de que o Juízo Final, isto é, a Situação Revolucionária revelasse os portadores da Verdadeira Fé e trouxesse o Paraíso para a Terra.

Caimos no ativismo cego que tanto tínhamos condenado no PC do B. Nem mesmo as constantes divergências que surgiam em todo o Partido acerca da concepção de Partido, nem mesmo as questões de fundo suscitada pela luta interna travada em torno da tática do I Congresso foram suficientes para desviar-nos daquele ativismo nem para recolocar-nos a necessidade de procurar respostas para as grandes questões de fundo da revolução socialista. Foi preciso que tivéssemos duas linhas táticas, tiradas em dois Congressos, derrotadas, foi preciso que entrássemos em uma grave crise.

E claro que nem tudo foi negativo em nossa experiência. Fomos os primeiros a levantar uma série de questões da maior importância para a revolução. Nossas propostas foram em geral as mais avançadas. Conquistamos até uma certa respeitabilidade junto aos setores mais avançados do movimento de massas. E isto que nos credencia para assumirmos as tarefas que deveremos assumir. Serão tarefas de enorme envergadura e, por enquanto, estamos isolados na sua abordagem, porque, nem a nível nacional e muito menos a nível internacional, sabemos se existem preocupações semelhantes às nossas. Mas nossa prática não será suficiente para abordarmos estas tarefas. É preciso desde já sabermos que seu cumprimento dependerá de um amplo trabalho teórico que teremos que enfrentar e levar a bom termo.

REVOLUCIONAR A REVOLUÇÃO!

(Por uma nova Estratégia Revolucionária da Luta da Classe Operária)

Em primeiro lugar: resgatar o Internacionalismo Proletário

O atual estágio do imperialismo e o desenvolvimento da luta de classes desde a Segunda Guerra Mundial revalidam a tese internacionalista da revolução socialista. Mas não apenas a revalidam. Dão-lhe uma nova qualidade. Enquanto para a II e mesmo para a III Internacional só era possível conceber a revolução socialista de um modo restrito aos países capitalistas mais avançados ou, pelo menos, que já tinham um certo nível de desenvolvimento capitalista, hoje, a revolução se coloca não somente como internacional, no sentido de abarcar vários países, mas como mundial, no sentido de poder abarcar todo o planeta.

A derrota do proletariado na União Soviética e nos outros países onde foi tentada a construção do socialismo confirmam a falsidade da tese stalinista do socialismo num só país, que por tanto tempo a própria existência da União Soviética pareceu confirmar.

Não é somente da construção do socialismo que se trata. O nível de interpenetração e de interdependência entre os países no mundo atual torna inconcebível até mesmo a tomada do poder pela classe operária e sua manutenção por mais do que um prazo curto. Com efeito, nos países em que o desenvolvimento capitalista e da classe operária são suficientes para que pudessem tentar, fora de um processo mundial, uma revolução socialista, sua repercussão seria tão forte que o conflito tenderia a se internacionalizar. Primeiramente por romper o equilíbrio de forças do imperialismo e por tender a estimular a revolução para além de suas fronteiras nacionais. Além disto (e por isto mesmo), por desencadear contra ela uma ofensiva combinada do imperialismo de diversos países.

Isto não significa que se deva descartar a possibilidade de uma revolução socialista num país atrasado e com um proletariado débil. Mas sim que uma tal revolução só é viável no quadro de um processo revolucionário mundial. Fora deste quadro, uma revolução anti-imperialista e anti-latifundiária ou anti-oligárquica poderia até se colocar uma aspiração socialista, ser dirigida por socialistas, e mesmo assim ter sucesso. Faltar-lhe-iam, no entanto, as mínimas condições para progredir efetivamente num rumo socialista.

Ainda mais. O caráter internacionalista da luta pelo socialismo se expressa mesmo enquanto ela se trava ainda no interior de fronteiras nacionais. Porque o Estado burguês também sofreu mudanças significativas no processo de desenvolvimento do imperialismo. Tornou-se ele próprio fração da burguesia, combinando-se com o capital monopolista, e passou a intervir diretamente no processo de acumulação do capital. Com efeito, o Estado burguês tem necessariamente de expressar o grau de internacionalização do capital e de adequar-se às necessidades do imperialismo na presente fase de seu desenvolvimento. Mesmo que, contraditoriamente, mantenha seu caráter nacional, restrito às fronteiras do país e que, frequentemente, assuma inclusive o papel de representante e negociador da "sua" burguesia frente às "estrangeiras". Por trás de todo Estado burguês não está simplesmente a burguesia do seu país, mas também a burguesia monopolista mundial, interiorizada ou não dentro das fronteiras nacionais.

O proletariado não se defrontará com a "sua" burguesia e seu

(dela) Estado nacional apenas. Terá que travar uma árdua luta contra a burguesia monopolista mundial e o Estado Cosmopolita em cada país.

E preciso construir um novo internacionalismo

É claro que, por revolução mundial, não se pode entender um processo revolucionário que se inicie e termine simultaneamente em todos os países, nem mesmo apenas nos mais importantes. Não, esta seria uma concepção simplista ao extremo. Ao contrário, o processo da revolução mundial necessariamente terá que ser extremamente complexo, com um desenvolvimento muito desigual entre os diversos países, pleno de avanços e recuos, e que certamente comportará períodos de "trégua" mais ou menos prolongados.

A vanguarda do proletariado tende a ser assumida pelo proletariado de países de capitalismo dependente que tiveram um intenso processo de desenvolvimento capitalista e que, na divisão de trabalho do imperialismo, assumem o papel de produtores de mercadorias com um nível relativamente elevado de tecnologia. A aristocracia operária formada nos países imperialistas centrais, bem como o fato de ser menor a taxa de mais-valia, graças à drenagem de mais-valia dos demais países; a maior solidez do aparelho de dominação, em particular a maior estabilidade do Estado burguês; estes fatores tendem a retardar a entrada da classe operária destes países na luta revolucionária do proletariado mundial, a despeito de terem se desenvolvido todas as condições objetivas para o socialismo.

Nada disto significa, no entanto, que exista algo assim como uma "tendência natural" que leve a revolução socialista à internacionalização. Pelo contrário, exatamente por ser uma **condição de seu sucesso**, a burguesia fará tudo que estiver ao seu alcance para evitar seu "alastramento". A revolução mundial tem que ser uma política consciente do proletariado, que terá que construir as condições e instrumentos para viabilizá-la.

O caráter da luta, nossos inimigos e nossos aliados

Dado que o imperialismo é a etapa atual do capitalismo, subordinando a seus interesses o conjunto das formações sociais a nível do planeta, mesmo assumindo este fenômeno formas as mais diversas, a burguesia monopolista é, de um ponto de vista de classes, o principal inimigo da classe operária. Decorre daí que a luta de classe do proletariado assume, no que diz respeito a seu conteúdo, caráter anti-imperialista.

Mas a luta anti-imperialista do proletariado não pode se desenvolver contrapondo ao imperialismo o nacionalismo burguês e pequeno-burguês. E esta é a característica fundamental do conteúdo anti-imperialista desta luta: ao internacionalismo imperialista, que subordina e controla todos os países do planeta, contrapõe-se o internacionalismo proletário, que unirá e implantará uma verdadeira cooperação entre todos os povos.

Assim, a luta dos operários de todo o mundo deve visar a estatização do capital monopolista, não para nacionalizá-lo, mas para colocá-lo sob o controle da classe operária. Jamais na perspectiva de quebrar a escala internacional da produção e fazê-la retroceder aos marcos nacionais. Ao contrário, na perspectiva de desenvolver ainda mais esta internacionalização, já no quadro de relações socialistas entre os homens.

Ser a fração monopolista da burguesia o principal inimigo da classe operária não autoriza, porém, ilusões de que outras de suas frações possam vir a se aliar ao proletariado. A burguesia monopolista

não é apenas a fração hegemônica da burguesia. Ela também **subordina e dirige** as demais frações, as quais continuam a ter na luta de classe do proletariado a principal ameaça à sua própria sobrevivência enquanto classe. O conjunto da burguesia fica, assim, **excluído do sistema estratégico de alianças do proletariado.**

Já as camadas médias, que o desenvolvimento do imperialismo tem feito crescer de modo acelerado, possuem frações cujos interesses e modos de vida aproximam acentuadamente do proletariado. Estas frações das camadas médias incluem-se entre os aliados estratégicos do proletariado. Não é correto, por isto, esperar que o **conjunto** das camadas médias venha a se juntar ao proletariado pois, como já foi acentuado, uma parte delas só existe em função do tipo de dominação e do tipo de concorrência que se desenvolve entre os monopólios, com os quais se identificam seus interesses.

Fenômeno análogo ocorre com o campesinato, do qual somente as frações mais pobres e menos comprometidas com o capital monopolista deverão se aliar ao proletariado.

O nó da questão

Sintetizando. O imperialismo se consolidou em todo o mundo e entrou em sua fase madura. Desenvolveu instrumentos teóricos e materiais de intervenção econômica. Agravou as condições em que a atual crise do capitalismo se configura. Pela divisão internacional do trabalho entre os países periféricos, gerou profundas contradições no seio de seu próprio desenvolvimento. Objetivamente, criou um enorme proletariado concentrado em grandes unidades produtivas e regiões industriais espalhadas por todo o mundo. Aproximou do proletariado setores crescentes das camadas médias. A grave e prolongada crise por que passa abre grandes perspectivas para a revolução socialista mundial.

Em contrapartida, este mesmo desenvolvimento e amadurecimento do imperialismo impõe ao proletariado a necessidade de elevar sua revolução à escala mundial. E se deu com base, em particular, em uma profunda derrota da classe operária, destruindo sua vanguarda comunista, isolando-a no interior das fronteiras nacionais e restringindo sua luta de classe nos limites de uma luta de resistência.

Nestas condições, todo o resultado da luta de classes que vai se travar - e, portanto, toda a História no futuro próximo - repousa na solução da seguinte questão: conseguirá a classe operária reconstruir sua vanguarda, um novo movimento comunista mundial, antes que o imperialismo encontre os meios de superar a crise em que se encontra ou que leve a Humanidade à destruição?

Esta é a questão estratégica central, determinante, a ser resolvida.

Todos os esforços dos revolucionários comunistas devem convergir para este objetivo: reconstruir, ou melhor, construir um novo movimento comunista mundial.

Nossa principal tarefa

E construir um novo movimento comunista mundial não significa apenas construir uma articulação internacional entre os comunistas revolucionários. Nem mesmo apenas construir uma nova Internacional ou um partido comunista mundial. Muito mais do que isto, significa construir uma alternativa socialista com expressão política mundial. Por alternativa socialista deve-se entender uma política socialista com expressão orgânica e ampla base de massas, principalmente operária,

que permita ao proletariado e às classes aliadas atuarem na política independentemente das alternativas burguesas.

O comunismo "oficial" transformou o marxismo em um materialismo mecanicista vulgar, mera versão do positivismo envolta por uma terminologia marxista. Transformou-o em um conjunto de dogmas e preceitos que podem servir, habilmente escolhidos, para justificar qualquer política e qualquer atitude. Segundo suas necessidades justificatórias, acrescentou, invocando o "marxismo criador", novos dogmas ou novos preceitos, sem qualquer preocupação científica ou de coerência teórica. Reduzindo os homens a meros produtos passivos de um desenvolvimento automático das "forças produtivas", castrou o marxismo de seu conteúdo revolucionário. Congelando-o como verdade eterna e imutável, tornou-o incapaz até de acompanhar o desenvolvimento dos homens, quanto mais de estar à sua frente apontando novos caminhos.

Por isto, a construção de um novo movimento comunista mundial passa, antes de tudo, por um combate no plano teórico. Não será possível construir um movimento comunista mundial capaz de enfrentar a complexa luta de classes em curso e que está por vir sem reconstruir o pensamento autenticamente comunista, sem superar a crise do marxismo-leninismo.

Este combate tem dois aspectos estreitamente entrelaçados: um é o resgate da essência do marxismo-leninismo como doutrina revolucionária e o desbaste de toda a ganga ideológica com que ele foi envolvido nestas últimas décadas; o outro aspecto é sua revitalização e atualização, colocando-o a par das imensas conquistas teóricas e tecnológicas de nosso tempo e das novas necessidades da luta de classes.

Trata-se de empreender o que poderia ser denominado de crítica do marxismo atual. Crítica no sentido que Marx dava ao termo, não somente de negação, mas de superação. Sentido em que ele o empregou, por exemplo, ao dar a *O Capital* o subtítulo: "Crítica da Economia Política".

Uma tarefa teórico-prática

Um tal empreendimento não pode, não obstante, estar separado de uma prática política. Não pode ser abordado como se fôra um trabalho acadêmico. Isto por duas ordens de razões.

A primeira diz respeito à própria essência do marxismo-leninismo. Não é à toa que ele pode ser chamado de "Filosofia da Práxis" e que a categoria *práxis* ocupa nele um lugar central. E a *práxis*, por um lado, que suscita e hierarquiza as questões a serem abordadas pela teoria. Por outro lado, é a *práxis* que resulta da aplicação da teoria que dá a medida da verdade desta e que orienta seu desenvolvimento.

A segunda, na verdade uma consequência da anterior, tem um cunho mais prático e político. A afirmação de uma teoria ou uma doutrina não decorre imediatamente das verdades que enuncia. Dito por outras palavras, uma teoria ou uma doutrina não se afirma por si mesma. Sua afirmação depende da demonstração prática de sua eficácia.

Além disto, se a construção de um novo movimento comunista passa em primeiro lugar, e tem mesmo seu aspecto central na crítica do marxismo atual, uma não decorre automaticamente da outra. Nem se terá que, primeiro, completar a crítica para, depois, abordar a construção. Ao contrário, ambas as tarefas terão que ser cumpridas concomitantemente. Simplesmente, nesta primeira fase o lugar principal e determinante será ocupado pela crítica.

Um programa de crítica

Pode-se propor, como ponto de partida, um programa de crítica centrado nos seguintes grandes temas:

- 1 - concepção de socialismo e a transição para o socialismo;
- 2 - concepção de partido e o caminho de sua construção;
- 3 - o capitalismo de hoje e os caminhos da luta de classes;
- 4 - as relações dos comunistas com as massas;
- 5 - luta armada e teoria militar;
- 6 - concepção de mundo e filosofia marxista.

1 - **Concepção de Socialismo e a transição para o Socialismo.** Tanto para Marx como para Lênin, a concepção do socialismo só poderia ser extraída da análise da sociedade capitalista e de suas contradições. Tentar ir além, naquelas condições, seria cair no erro pelo qual Marx criticava os socialistas utópicos: "A atividade social, substituem sua própria imaginação pessoal" (Manifesto). A única exceção, a Comuna de Paris, por mais efêmera que tivesse sido, foi porém aproveitada ao máximo: é da análise desta experiência, por exemplo, que Marx formulou o conceito de Ditadura do Proletariado.

Para nós, entretanto, a coisa é bem diferente. O proletariado já fez várias experiências de construção do socialismo. Nestas condições, não podemos deixar de tirar proveito delas e fazer avançar nossa concepção de socialismo. E compreender melhor as condições da transição do capitalismo para o socialismo, uma vez que o proletariado tenha se tornado classe dominante. Mesmo porque, de alguma forma, estas experiências influenciaram o pensamento comunista, só que, por falta de um estudo mais sistemático, de forma acritica e aleatória. Três delas merecem atenção, em particular, pela importância histórica que tiveram e, também, por terem experimentado caminhos bastante diferentes, frente a realidades também muito diferentes: são as da Rússia, da China e da Iugoslávia.

Por último, porém não menos importante, este tem sido um terreno privilegiado onde medraram as mais variadas concepções não-proletárias de socialismo. Isto sem que lhes fosse contraposta outra concepção, proletária e revolucionária, de socialismo. Um novo movimento comunista não poderá se desenvolver sem travar uma luta, nos campos teórico e ideológico, com estas concepções.

2 - **Concepção de Partido e o caminho de sua construção.** Não há dúvida de que Lênin enriqueceu o marxismo com uma nova concepção de partido e que deu uma contribuição inestimável à teoria do Partido. Mas é verdade, também, que Lênin nunca chegou a formular, de maneira sistemática, esta teoria. De modo que o que é conhecido como "concepção leninista de partido" não é uma concepção expressa pelo próprio Lênin em sua inteireza, mas principalmente **deduzida** das posições e atitudes que assumiu ao longo de sua atuação. Isto permitiu que muitas teses não endossadas por Lênin, e frequentemente contraditórias com posições por ele afirmadas, fossem incluídas e geralmente aceitas como fazendo parte desta concepção. Só para citar um exemplo: toda a resolução "Sobre a Unidade", do X Congresso do Partido Bolchevique é geralmente aceita como integrando a "concepção leninista de partido", apesar de Lênin tê-la explicitamente qualificado de excepcional.

Mas não é só isto. Desde Lênin, a luta de classes se tornou incomparavelmente mais complexa. As exigências que pesam sobre o partido da classe operária cresceram enormemente. Sua concepção e seus princípios de organização têm que se adaptar às novas exigências. O partido da classe operária tem que evoluir. Não pode permanecer como foi concebido por Lênin, sob pena de não cumprir seu papel e morrer. Tanto mais que, nesses últimos tempos, houve um considerável avanço na Teoria da Organização, avanço este muito bem aproveitado pelas classes

dominantes, desde as empresas até, e principalmente, nos seus "estado-maiores", nas organizações criadas por elas para defenderem seus interesses globais de classe.

Além do mais, este tem sido talvez o campo preferido de ataque das concepções não-proletárias. Mercê das distorções que sofreu, a concepção leninista de partido tem sido um alvo fácil. E, se hoje nossa tarefa é muito mais complexa e ambiciosa, a luta tem que ser aceita e colocada em novas bases.

A construção do partido não se dará espontaneamente, nem como resultado automático da crítica do "marxismo atual". Será necessário um esforço consciente. Exige, portanto, uma elaboração específica.

3. O capitalismo de hoje e os caminhos da luta de classes. Grande parte desta tese foi dedicada a levantar as grandes transformações que o capitalismo experimentou. Evidenciam a grande gama de questões a serem resolvidas, com inquestionáveis reflexos sobre a luta da classe operária. Só isto basta para mostrar a necessidade de seu exame aprofundado.

A concepção mundial da revolução socialista implica, além disto, na necessidade de ser construída uma articulação da luta de classes. Articulação que exige um conhecimento aprofundado da realidade e o estabelecimento de uma estratégia comum.

4. As relações dos comunistas com as massas. Salta aos olhos que este tema tem uma relação muito estreita com a concepção de partido. Não obstante, não é dela uma simples decorrência. Tem a ver com a concepção de socialismo e com as tarefas gerais do movimento comunista. Foi sempre tema de discussões e divergências no interior e fora do movimento comunista sem ter, paradoxalmente, merecido um estudo teórico sistemático.

Se o partido comunista é a vanguarda da classe operária, e se a classe operária é a classe dirigente da revolução socialista, coloca-se como central a questão de como é exercido e qual o conteúdo deste papel de vanguarda. Frequentemente é usada a imagem de ser o partido comunista o "Estado Maior" do proletariado. No Estado Maior militar, suas relações com o exército são essencialmente de comando e hierárquicas, relativamente simples. Não são estas as relações entre o "Estado Maior" do proletariado e a classe, e muito menos as outras classes revolucionárias.

Em primeiro lugar, é preciso que o partido conquiste a condição de vanguarda. Em segundo lugar, é preciso que constantemente o partido reproduza e exerça esta condição. É preciso que o partido conquiste a classe e as massas para a direção que ele elaborou e propõe. A base desta conquista são as posições ideológicas e políticas do partido. Mas já na formulação destas posições tem que se estabelecer uma relação, dialética, ao mesmo tempo de reflexo das idéias das massas e de formação destas mesmas idéias. E, uma vez formuladas as posições, é preciso que o partido saiba como atuar para que as massas se apropriem delas, se mobilizem em torno delas, atuem nas direções propostas. Transformem, enfim, as idéias em forças materiais.

Por outro lado, nas relações dos comunistas com a classe e as massas se reflete também o caráter de classe do partido. Há uma forte tendência para que o partido deixe de ser o partido da classe para se tornar o partido da revolução, o partido das classes revolucionárias, diluindo as contradições entre estas classes. A submissão a esta tendência teve fortes consequências, por exemplo, nos rumos da construção do socialismo na Rússia Soviética. Deixou abertas as portas para que o partido absorvesse e acabasse por se submeter à hegemonia

da camada dos dirigentes das empresas estatais (reconhecê-lo não deve levar ao simplismo, não é demais alertar, de pensar que esta tivesse sido a principal determinante da derrota da classe operária). Também esta submissão tem a ver com o "taticismo", o abandono da educação socialista da classe operária, que tem caracterizado a atuação dos comunistas, bem como com o sectarismo frente às tendências revolucionárias não comunistas.

5. Luta armada e teoria militar. É indiscutível que a questão da luta armada ocupa um lugar central na definição da estratégia da revolução. Ela diz respeito ao próprio ato da destruição da dominação burguesa e da constituição da classe operária em classe dominante. Mas esta centralidade não tem encontrado correspondência à altura na importância que os comunistas têm lhe dedicado. É bem verdade que nas controvérsias que opuseram reformistas, maoístas e foquistas esta era a questão central. No entanto, colocada como opção dogmática, pouco ajudou para um exame realmente profundo da questão.

E não é, seguramente, por falta de problemas novos! As transformações sofridas pela sociedade, os avanços nos equipamentos e nas técnicas militares, imensos nas últimas décadas, modificaram radicalmente as condições em que deverá transcorrer a luta armada.

A insurreição de outubro na Rússia pôde alcançar o sucesso graças a uma conjunção muito particular de circunstâncias. E a revolução teve que enfrentar, após a vitória da insurreição, uma guerra civil combinada com intervenção estrangeira. Engels já alertava contra as dificuldades que a evolução da sociedade antepunha à "luta de barricadas". Será que é lícito contar, hoje, com a vitória rápida de uma insurreição? E, mesmo que uma conjunção excepcionalmente favorável de fatores venha a tornar possível uma tal vitória, em algum país, será que não temos a obrigação de tomar partido da experiência e, desde já, prepararmo-nos para a guerra civil que inevitavelmente sobrevirá?

Por outro lado, não temos a obrigação de estudar a experiência chinesa, que apontou o caminho para toda uma série de lutas revolucionárias de nosso século, bem como as valiosas contribuições de Mao Tse-tung no campo da teoria militar revolucionária? Tanto mais quando tudo indica que a luta revolucionária deverá assumir o caráter de uma longa guerra civil? Mas sem esquecer que a revolução chinesa, ela também, se deu em condições radicalmente diferentes das que teremos que enfrentar. A começar do seu caráter de libertação nacional e do papel central desempenhado pelo campesinato.

Não se trata, é claro, de tentar adivinhar ou, pior, de se prender a um caminho pré-determinado. Muito menos de tentar, no gabinete, inventar novas formas de luta revolucionária. Mas sim de prever, em suas grandes linhas, a marcha provável da luta revolucionária e se preparar para ela, teórica e praticamente. Trata-se de acompanhar a evolução concreta das formas de luta e de universalizar a experiência através da crítica teórica. Trata-se, enfim, de seguir o exemplo de Marx, Engels e Lênin, que dedicaram significativo esforço ao estudo da teoria militar.

6. Concepção de mundo e filosofia marxista. A deturpação e a esclerose impostas ao pensamento marxista constitui um todo. Não uma coleção desconexa. Quando se diz que o pensamento marxista foi rebaixado a mera versão do positivismo ou a um pobre materialismo vulgar, se está falando de um ponto de vista filosófico. É na filosofia que se deve procurar as raízes teóricas dos erros do "marxismo atual". Qualquer crítica que não desça a estas raízes estará, por isto, condenada à superficialidade e ao fracasso.

Os aspectos centrais da crítica, neste terreno, são dois.

Em primeiro lugar, o resgate da dialética e o combate ao pensamento metafísico. Não é exagero afirmar que a "colocação de cabeça para cima da dialética hegeliana" é uma característica marcante do marxismo e fonte de sua imensa fecundidade. E que a rejeição da dialética, embora não explicitamente assumida mas disfarçada sob uma pobre esquematização, é o aspecto central da vulgarização do marxismo. Além disto, a forma metafísica de pensar é a dominante e é a que espontaneamente se impõe. Por isto é que tão frequentemente se cai no dilema entre o espontaneísmo ou o "realismo" impotente, por um lado, e o voluntarismo, por outro. Ou no dilema entre o dogmatismo e o empirismo. Ou em muitos outros dilemas insuperáveis na metafísica.

Em segundo lugar, a questão da relação entre teoria e prática. Esta é uma questão central do marxismo. Não foi à toa que Marx afirmou que "O defeito fundamental de todo o materialismo anterior - inclusive o de Feuerbach - está em que só concebe o objeto, a realidade, o ato sensorial, sob a forma do objeto ou da percepção, mas não como atividade sensorial humana, não como prática, não de modo subjetivo. Daí decorre que o lado ativo fosse desenvolvido pelo idealismo, em oposição ao materialismo, mas apenas de modo abstrato, já que o idealismo, naturalmente, não conhece a atividade real, sensorial, como tal." (Teses sobre Feuerbach - o primeiro grifo é nosso)

Duas afirmações correntemente aceitas ilustram o quanto, exatamente nesta questão, se tem empobrecido e vulgarizado o marxismo. A primeira diz ser "a teoria um guia para a ação"; a segunda, ser "a prática o critério da verdade".

A primeira é defeituosa porque, por obscurecer as mediações necessárias para que a teoria guie a ação, induz, seja ao rebaixamento da teoria, que é reduzida a uma coleção de regras de ação, seja a uma prática doutrinária, ou seja, à negação prática da prática. O que pode guiar, imediatamente, a ação não é a teoria, mas o plano, o programa, as normas de conduta etc. A teoria proporciona os meios para o conhecimento exato da realidade que se quer transformar e das leis de seu movimento, o que é necessário para que se trace planos, programas etc. que levem ao resultado almejado. Entre o conhecimento teórico e a ação há, assim, a mediação do conhecimento empírico e do plano, que por sua vez é estabelecido em função de uma vontade, de um fim almejado.

A segunda é uma versão vulgarizada da tese marxista de que "É na prática que o homem tem que demonstrar a verdade, isto é, a realidade, e a força, o caráter terreno de seu pensamento." (Marx, Teses sobre Feuerbach) A versão vulgarizada não somente obscurece o do que é que a prática é o critério, isto é, do pensamento, da teoria, como também obscurece a necessidade da mediação da demonstração. Induz, por isto, a um empirismo dos mais vulgares. Nem de tudo a prática é o critério da verdade, porque nem tudo que é praticado é verdadeiro. E a prática só demonstraria imediatamente a verdade de uma teoria se aquela se deduzisse imediatamente desta.

Evidentemente, embora sendo os centrais, não são estes dois os únicos aspectos a serem abordados pela crítica, neste terreno. Há toda uma série de temas que deverão ser abordados. Seja no campo da filosofia, seja nos campos das opções ideológicas, da ética etc.

O papel que o proletariado pode desempenhar

Engels, citado por Lênin, afirmou: "também assim o movimento operário da Alemanha nunca deve esquecer que se desenvolveu sobre os ombros do movimento inglês e francês, que teve a possibilidade de tirar simplesmente partido da sua experiência custosa, de evitar no

presente os erros que então, na maior parte dos casos, não era possível evitar. Onde estaríamos agora sem o precedente das trade-unions inglesas e da luta política dos operários franceses, sem esse impulso colossal que deu especialmente a Comuna de Paris? [parágrafo] Há que fazer justiça aos operários alemães por terem aproveitado, com rara inteligência, as vantagens da sua situação. Pela primeira vez que o movimento operário existe; a luta é conduzida metodicamente nas suas três direções, coordenadas e ligadas entre si: teórica, política e económico-prática (resistência aos capitalistas). [...] Esta situação vantajosa, por um lado, e as particularidades insulares do movimento inglês e a repressão violenta do movimento francês, por outro, fazem com que os operários alemães se encontrem agora à cabeça da luta proletária. Não é possível prever durante quanto tempo os acontecimentos lhes permitirão ocupar este posto de honra." E Lênin acrescenta: "O proletariado russo terá de sofrer provas ainda infinitamente mais duras, terá de combater um monstro em comparação com o qual a lei de exceção num país constitucional parece um verdadeiro pigmeu. A história coloca-nos hoje uma tarefa imediata, que é a **mais revolucionária** de todas as tarefas imediatas do proletariado de qualquer outro país. [...] E temos o direito de esperar que obteremos este título de honra, merecido já pelos nossos precursores, os revolucionários da década de 70, se soubermos animar o nosso movimento, mil vezes mais vasto e mais profundo, com a mesma decisão abnegada e a mesma energia." (Que fazer?)

Hoje é o proletariado brasileiro que se encontra em uma situação vantajosa em relação ao movimento operário da maioria dos países. Não certamente na mesma medida que o proletariado alemão e o russo nas citações acima. Mas com aspectos muito significativos que não podem ser desprezados. A ofensiva desencadeada pela burguesia monopolista para efetuar a transição na forma política de sua dominação e reconstituir sua hegemonia sobre o conjunto da sociedade esgotou-se sem que seus principais objetivos tivessem sido atingidos: nem conseguiu estabilizar o Estado, nem conseguiu isolar a oposição operária e popular.

E bem verdade que a ofensiva burguesa não foi derrotada pelo movimento operário e popular; ela se esgotou, mercê, fundamentalmente, de sua própria fraqueza frente à profundidade da crise. Mas a permanência, apesar do enorme vigor inicial da ofensiva burguesa, de um setor oposicionista que se opôs à transição teve, sem dúvida um papel, embora não determinante, neste esgotamento. E esta é uma diferença marcante em relação a numerosas modificações na forma política de sua dominação que a burguesia monopolista empreendeu pelo mundo. Ao contrário de outros países, por exemplo, aqui fracassaram as tentativas de concluir um "pacto social".

Tanto mais que, até agora pelo menos, a burguesia não conseguiu "dar a volta por cima". Nem conseguiu rearticular uma nova ofensiva - o "Plano Bresser" não consegue passar de uma manobra para ganhar tempo - nem nenhuma das numerosas oposições burguesas conseguiu construir uma alternativa política que unifique as classes dominantes.

Mas a oposição operária e popular, por seu lado, também não conseguiu, até agora pelo menos, tomar partido da situação para articular e desencadear sua própria ofensiva. Vivemos, assim, uma situação "sui generis". Uma espécie de equilíbrio de forças "por baixo". Nestas condições, todo o desenvolvimento da luta de classes a seguir repousa sobre a resposta à seguinte questão: quem, a burguesia ou a oposição operária e popular, conseguirá articular e desenvolver primeiro a ofensiva?

E possível a revolução no Brasil?

Não está de modo nenhum predeterminado que sejam as classes dominantes. Por isto podemos parafrasear Lênin e dizer: temos o direi-

to de esperar que obteremos este título de honra, merecido já pelos nossos precursores, os revolucionários russos e os revolucionários da década de 70, se soubermos animar o nosso movimento com a mesma decisão abnegada e a mesma energia. E se, parafraseando Engels, soubermos conduzir metódicamente a luta nas suas três direções, coordenadas e ligadas entre si: teórica, política e económico-prática (resistência aos capitalistas).

Muitos considerarão esta apreciação "excessivamente otimista". A burguesia - dirão - tem o poder político, dispõe de poder material, dispõe de meios de comunicação de massas; a burguesia, enfim, é incomparavelmente mais poderosa que as classes populares. E depois, continuarão, o ascenso das lutas de massas, embora real, é ainda despolitizado e desarticulado. E concluirão: é inevitável que a classe operária e o movimento popular sejam derrotados mais uma vez.

Em primeiro lugar, não há resultado inevitável na luta de classes. Em segundo lugar, estas objeções estão erradas porque, ao invés de analisar dinamicamente a situação concreta, se limita estaticamente a constatar generalidades. Que em geral a burguesia é mais poderosa é verdade. Por isto ela é classe dominante. Mas, no desenvolvimento concreto e dinâmico da luta de classes, ela pode enfrentar situações em que não consegue tornar efetivo seu poder. Por isto são possíveis as revoluções. Que em geral as lutas de massas, abandonadas à espontaneidade, são fragmentadas e limitadas politicamente também é verdade. Mas, no desenvolvimento concreto e dinâmico da luta de classes, o ascenso das lutas de massas, mesmo desarticulado e despolitizado, melhora a correlação de forças em favor das forças revolucionárias. E pode ser polarizado por uma proposta política de caráter revolucionário e, então, articular-se e politizar-se.

Em terceiro lugar, estas objeções estão erradas porque negam ou não vêm que a luta de classes é também uma luta de vontades que se opõem, sobre condições objetivas dadas. O desenvolvimento da luta de classes não é um fenómeno "natural", sobre o qual não tem nenhuma influência a vontade e a intervenção consciente dos homens. Ao contrário, uma intervenção acertada, no momento propício, pode alterar decisivamente as condições da luta. Negar ou não ver isto leva, aí sim inevitavelmente, à prostração perante as dificuldades, ao pessimismo e à passividade. Podem ocorrer situações em que se é reduzido à impotência, é verdade. Mas, na luta de classes, isto é raro. E não é esta, nem de longe, nossa situação atual, muito ao contrário. É uma situação cheia de potencialidades favoráveis. Resta saber aproveitá-las!

A direção estratégica da luta pelo Socialismo no Brasil

Do que foi dito ressalta claramente a direção estratégica que o proletariado brasileiro deverá imprimir à luta de classes para avançar rumo à revolução: ao mesmo tempo que luta para impedir que as classes dominantes superem a crise, lutar para articular e desencadear uma ofensiva das classes revolucionárias.

O aspecto determinante para impedir que as classes dominantes consigam superar a crise é a luta contra a estabilização do Estado. O aspecto determinante da articulação da ofensiva operária e popular é a luta pela construção de uma alternativa socialista sob hegemonia da classe operária.

O II Congresso de nosso Partido deu um significativo avanço ao articular a "desestabilização da Nova República" com a construção de uma Alternativa Operária e Popular. Mas, devido aos erros da formulação e às insuficiências e contradições nos avanços teóricos e na prática do Partido, este não pôde demonstrar sua fecundidade.

Foi um avanço em primeiro lugar por ter percebido a necessidade de, ao lado do ataque ao inimigo, construir as forças revolucionárias; e, em segundo lugar, por ter identificado corretamente tanto o inimigo sobre o qual deveriam ser concentrados os ataques como o caráter e a composição política e de classe da força revolucionária.

Mas o que deveria ter sido formulado como direção estratégica o foi como objetivo tático. Este foi o erro original. A formulação em nível estratégico deixa clara a necessidade de mediações táticas, ao passo que a formulação em termos táticos leva ao esquecimento desta necessidade e, em consequência, à impraticabilidade.

Porém, no que diz respeito à Alternativa Operária e Popular, é preciso antes de tudo reconhecer que o Partido **nem tentou** aplicar a diretriz. Na verdade, não poderia tentá-lo.

Em primeiro lugar, foi insuficiente e superficial, teoricamente, a crítica à nossa anterior concepção de tática. Embora tivéssemos afirmado, num claro rompimento com nossas concepções anteriores, que "A situação revolucionária, aqui, não surgirá em consequência apenas da crise do capitalismo e do desenvolvimento espontâneo da luta de classes. Ela exige a intervenção do elemento consciente e um acúmulo das condições subjetivas, em articulação com condições objetivas favoráveis"; embora tivéssemos afirmado que "a tática é uma ação política organizada partidariamente e uma sequência de momentos organizativos"; apesar destas afirmações, não conseguimos dar uma solução satisfatória à questão do papel do sujeito revolucionário nem revolucionar na prática nossa concepção de tática.

Assim, a tática aprovada no II Congresso, não obstante representar posições políticas diferentes, expressava as mesmas concepções anteriores, bem como nossa prática continuou expressando as mesmas concepções anteriores de ação política. A própria estrutura da tática é um sintoma disto. A mesma estrutura da tática do I Congresso: uma análise de conjuntura, uma Plataforma de Lutas e algumas "atitudes dos revolucionários comunistas". Uma concepção de tática que tem sua essência na declaração das posições dos revolucionários comunistas e não na ação das massas, organizada e planejada pelos comunistas. Uma concepção de tática coerente com a idéia de que uma situação revolucionária depende de "alterações objetivas, independentes não somente da vontade desses ou daqueles grupos e partidos, mas também dessas ou daquelas classes" (Lenin, "A falência da II Internacional") e que, portanto, até a configuração desta situação revolucionária os partidos nada têm a fazer senão **declarar suas posições** para educar as massas e credenciar-se perante elas como o partido capaz de dirigi-las uma vez que a situação revolucionária aconteça.

Em segundo lugar, embora por várias vezes a tática do II Congresso falasse da frente operária e popular e, numa destas vezes, até mesmo especificasse, entre parênteses: "orgânica", a questão da frente nunca foi abordada pelo partido. Permanece como uma afirmação solta, um apêndice. Permanece a velha concepção do partido como direção da revolução, sem mediações nem distinções entre as classes revolucionárias. Nestas condições, para que frente, para que Alternativa? A política do partido é a alternativa, o partido é a frente! Na melhor das hipóteses, a alternativa e a frente não podem passar de "astúcias" para contornar os preconceitos das massas em relação ao comunismo e à revolução!

Estas concepções se expressaram mais claramente no capítulo das resoluções sobre os "partidos institucionais", na verdade sobre o PT. Antes de dizer que "o PT é atualmente um ponto de encontro de elementos embrionários de uma futura frente política de massa operário-popular", a Resolução diz: "O PRC não alimenta falsas expectativas em

relação a um papel estratégico revolucionário do PT. Trata-se de uma organização político-frentista hegemônica por posições reformistas, enraizada nos marcos da ideologia burguesa dominante na sociedade e para a qual só uma ideologia revolucionária pode romper". Ora, com que espírito, para ter um papel revolucionário é preciso ter uma ideologia revolucionária, ou seja, proletária? A classe operária só vai ter um papel estratégico revolucionário depois de criticar a ideologia burguesa e assumir a "ideologia revolucionária"? E as classes aliadas do proletariado, então? Com este tipo de concepção, seria realmente muito difícil que o partido empreendesse concretamente a construção de uma alternativa operária e popular.

Em terceiro lugar, a despeito de todas as declarações e intenções, o Partido não conseguiu superar o espírito de seita que tem caracterizado as organizações comunistas nas últimas décadas. A crítica à afirmação do PCB e do PCdoB de serem eles o "partido de vanguarda da classe operária" e a afirmação de não existir ainda no país este partido, que precisa ser construído, não é suficiente para romper com aquele espírito. Faz falta uma concepção de partido que ainda não conseguimos reelaborar criticamente. No que diz respeito a esta questão, especificamente, faz falta uma crítica mais profunda ao espírito de seita, de um ponto de vista de partido. Crítica que não se limite, como tem acontecido, ao que é vulgarmente conhecido como "sectarismo". As chamadas atitudes "sectárias" são meras manifestações de concepções ideológicas muito mais profundas. A seita, imbuída da convicção de deter a verdade, coloca-se como objetivo "salvar os eleitos", aqueles que são ou serão seus membros. Os demais "são ímpios e serão condenados". O partido, em contraste, coloca-se como objetivo transformar o mundo em função dos interesses de uma determinada classe. Não bastam, portanto, atitudes "mais abertas" para diferenciar o espírito de seita do espírito de partido. E sem romper efetivamente com o espírito de seita não se empreende a formação de uma frente de classes.

Além da insuficiência na formulação de nossa concepção de partido e na crítica ao sectarismo, é oportuno assinalar também que nossa concepção de prática política (que está ligada à concepção de partido) tende a estimular o espírito de seita: se a essência da prática política é a declaração e divulgação das "posições corretas", que tendem a ser identificadas com uma verdade absoluta, é o confronto entre as posições e não o papel político objetivamente desempenhado pelos diversos grupos que tende a assumir a primazia. Pois o que é declarado tem mais importância que a própria ação.

O espírito de seita, se não impede, pelo menos obstaculiza fortemente a tomada de iniciativas frentistas, onde não somente idéias, mas interesses diferentes se unem e se confrontam.

Não se pode, portanto, com base numa alegação do tipo "a prática mostrou seu erro", abandonar o avanço que conseguimos no II Congresso. O que é necessário é completar o que ficou pelo meio, é prosseguir no avanço.

Ultimamente, críticas têm sido feitas à diretriz de "desestabilização da Nova República". Uns propõem uma "tática de acúmulo de forças", outros propõem a substituição de "desestabilização" por "instabilização". Ambos não alcançam o núcleo do problema.

"Tática de acúmulo de forças" não diz absolutamente nada. Deixemos de lado que é unilateral, porque o acúmulo de forças é apenas um aspecto da luta, inseparável do combate ao inimigo. Se o que tenta é enfatizar que o momento é principalmente de fortalecer o campo revolucionário devido a uma correlação de forças muito desfavorável, erra na avaliação da situação concreta e nas suas potencialidades. Subestima a crise. De qualquer forma, esquece que não se acumula forças "em abs-

trato". E preciso deixar claro contra o que se quer acumular forças.

Substituir "desestabilização" por "instabilização", por seu lado, já é sutileza demais! Quer resolver um problema de fundo pela substituição de um prefixo por outro equivalente. Não é melhor dizer claramente que trata-se de uma diretriz estratégica e não de uma palavra-de-ordem tática?

No entanto, o termo "desestabilização" é realmente incorreto. Mas por outro motivo. Trata-se, não de desestabilizar algo que está estável, mas de impedir - lutar para fazê-lo - que algo que ainda não conseguiu conquistar a estabilidade o faça.

Com relação à "Alternativa operária e popular", parece ser conveniente substituí-la por "Alternativa socialista". Embora "operária e popular" tenha a vantagem de indicar claramente os interesses de classe que defende, é preciso considerar que, com a crise do capitalismo, trava-se uma luta pela posse da bandeira do socialismo. Não convém deixá-la pacificamente nas mãos da burguesia. E a construção de uma alternativa que se explicita como socialista pode contribuir de modo não desprezível para que isto não aconteça. Por outro lado, a objeção de que a explicitação do socialismo "estreitaria" por só interessar ao proletariado não tem nenhuma base concreta. Estão aí o "socialismo moreno" de Brizola e o socialismo indefinido do PT para prová-lo.

Daí a formulação sintética da diretriz estratégica: **impedir a estabilização da Nova República e construir uma alternativa socialista sob hegemonia do proletariado.**

Impedir a estabilização do Estado burguês, hoje materializado na "Nova República", significa, na essência, lutar contra a reconstituição da hegemonia política do capital monopolista sobre o conjunto da sociedade. Os interesses estratégicos particulares daquela classe passam por interesses gerais de toda a sociedade. A formação de um amplo consenso nacional, incluindo dominadores e dominados, acerca das condições políticas da dominação e dos princípios econômicos da exploração.

Construir uma alternativa socialista significa tirar as massas operárias e populares do dilema de ter de escolher entre alternativas burguesas e contra-revolucionárias. Possibilitar-lhes optar por uma alternativa que seja vista por elas como representando seus próprios interesses - e que os represente realmente. Alternativa Socialista é antes de tudo, assim, uma política. Uma política de caráter frentista, dado que a destruição do poder burguês-monopolista não poderá ser obra apenas do proletariado. Uma política de conteúdo socialista, porque somente o socialismo poderá libertar da dominação e da exploração o conjunto da sociedade. Uma política de sentido revolucionário, pois sem uma revolução será impossível destruir o poder das classes dominantes e libertar o povo. Uma política que expresse hegemonia da classe operária, porque esta é a única classe capaz de conduzir vitoriosamente à revolução.

Mas, para se constituir realmente como alternativa, a política tem que aparecer para as massas como viável e não como apenas um belo porém impotente sonho. Precisa demonstrar força. Precisa demonstrar capacidade política de enfrentar as classes dominantes e defender eficazmente os interesses populares. Precisa portanto mostrar-se como algo concreto, precisa ter uma referência orgânica: uma frente das classes revolucionárias.

A luta para impedir a estabilização da Nova República, para construir a Alternativa Socialista e para o proletariado conquistar a

hegemonia deverá ser desenvolvida em três aspectos: o político, o econômico e o ideológico. O peso relativo de cada um destes aspectos no conjunto, bem como as formas de luta mais importantes, devem ser definidos no âmbito tático.

No campo político, trata-se de atacar a política do governo em todos os seus aspectos, afirmando ao mesmo tempo, em cada um destes aspectos, a política da alternativa socialista. Enquanto a correlação de forças for favorável às classes dominantes o que predominará será o desgaste da política governamental e, em geral, não se poderá mais do que fazer crescer o prestígio da política alternativa. Porém podem surgir oportunidades que tornem possível impedir a aplicação da política do governo e, até, forçar a aplicação da política alternativa. Não se poderá perder nenhuma oportunidade destas.

Uma questão que sempre surge é a da postura que deve ser adotada perante as oposições burguesas, principalmente as que aparecem como mais "à esquerda" por anunciarem mais concessões aos interesses populares. Os que só vêm a necessidade de atacar o "inimigo principal" tendem a responder a esta questão sempre pelo lado da aliança. Os que, por outro lado, só vêm a necessidade de reforçar a posição dos interesses "classistas" tendem a repudiar sempre qualquer compromisso com os que, a seu ver, são burgueses.

Os que compreendem a indivisibilidade dialética que há entre o debilitamento do inimigo e o crescimento de suas próprias forças sabem que não há resposta permanente a esta questão. É preciso "analisar concretamente a situação concreta". Mesmo porque não há somente a questão de aceitar ou não um compromisso. É preciso decidir como um compromisso deve ser aceito ou não. A postura, ou melhor, a política a ser adotada em cada caso tem que levar em conta a necessidade de contraposição à estabilização do Estado e, ao mesmo tempo, a necessidade de reforçar a alternativa socialista ou, na pior hipótese, de defendê-la.

No campo econômico, trata-se de abrir fissuras na aplicação da política econômica e reforçar os órgãos de luta populares. A luta econômica é, por definição, fragmentária (uma greve geral por aumento de salários, por exemplo, já é uma luta política: dirige-se contra a política das classes dominantes). Mas, por reduzir a exploração ou por resistir ao seu aumento, dificulta a acumulação de capital. Pelas fissuras que abre, desgasta o governo. Se tem grande amplitude, pode até inviabilizar a aplicação de determinadas políticas. Em tempos de crise econômica, dificulta a superação burguesa desta. Por proporcionar experiência de luta às classes populares; por frequentemente reforçar suas organizações; por geralmente colocar a massa frente a um poder de Estado hostil e, assim, levá-las a elevar sua consciência política; por tudo isto, pode contribuir fortemente para a construção da alternativa socialista.

As contradições do capitalismo forçam as classes trabalhadoras à luta econômica. Por isto ela se desenvolve espontaneamente. Mas, para que ela reverta em favor da luta pelo socialismo, é preciso saber tirar partido da espontaneidade. Dar apoio aos lutadores. Ajudá-los a avançar. É preciso superar a espontaneidade. Conscientemente fazer crescer as lutas econômicas. Globalizá-las, estimulando a coordenação e a solidariedade entre elas. Ampliar seus objetivos. Integrá-las à luta pelo socialismo.

Importância particular têm as lutas econômicas da classe operária. Não só porque são as que, por atingirem a formação do lucro na origem, na extração da mais-valia, afetam mais fortemente o capitalismo. Também porque, pela sua base social, são as que mais contribuem para a construção da alternativa socialista. É a força da classe

operária é fundamental para a conquista da hegemonia proletária na própria Alternativa.

No campo ideológico, a luta deverá ser travada em duas frentes estreitamente interligadas. Por um lado, trata-se de combater a hegemonia ideológica burguesa sobre o conjunto da sociedade. Por outro, trata-se de desenvolver um campo comunista e lutar pela hegemonia proletária dentro do próprio movimento operário e popular.

A burguesia, como classe dominante, faz passar seus interesses particulares de classe como interesses gerais de toda a sociedade. Os comunistas, ao combatê-la, não deverão procurar passar os interesses do proletariado imediatamente por interesses gerais. Deverão reconhecer os interesses diferenciados dos aliados do proletariado. Mas lutarão pela difusão da ideologia revolucionária proletária, com a legitimidade e verdade que emana do fato que somente fazendo prevalecer os interesses da classe operária é que toda a sociedade poderá ser libertada da exploração e da dominação de classe.

A luta no plano ideológico deve ser travada em todos os aspectos. Desde os mais diretamente ligados às necessidades da luta, como o desmascaramento do caráter de classe do Estado, a luta contra a legitimação da ordem jurídica, o combate ao "direito de propriedade" burguês, o ataque ao conformismo e às superstições. Até os que dizem respeito ao modo de vida: os preconceitos, a moral etc. E a cada um dos aspectos criticados deverá ser contraposta uma visão ajustada ao modo de vida da classe operária no que ele tem de mais positivo e revolucionário.

Particular importância tem o trabalho de conquista ideológica dos setores mais avançados, da vanguarda da classe operária. Nesta questão, que diz muito de perto respeito à construção de um novo movimento comunista, o central é a educação destes setores dentro do processo de crítica do "marxismo atual", de formação de toda uma camada de intelectuais orgânicos do proletariado.

AS TAREFAS PRATICAS DO PROLETARIADO NA LUTA DE CLASSES

AS TAREFAS DO PARTIDO